

# **PROJETO MULTIPLICAR PARA COMBATER: A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES PARA A MITIGAÇÃO DA COVID-19**

## ***MULTIPLY TO FIGHT PROJECT: THE FORMATION OF MULTIPLIERS IN ORDER TO MITIGATE THE COVID-19***

**Fátima Cristina Alves de Araújo** [fatima.araujo@ifrj.edu.br]<sup>1,2</sup>

**Graciele Maria dos Santos** [santos.gracimari@gmail.com]<sup>1,3</sup>

**Hugo Alexandre Rodrigues dos Santos** [hugoalexandre506@gmail.com]<sup>3</sup>

**Rita de Cássia de Brito** [ritabrito.c@gmail.com]<sup>4</sup>

<sup>1</sup> IFRJ/CReal – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Docente dos Cursos: Farmácia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

<sup>3</sup> Discente – Curso: Farmácia

<sup>4</sup> Discente – Curso: Terapia Ocupacional

### **RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de descrever a experiência da formação de multiplicadores para o desenvolvimento de ações para a mitigação da COVID-19, a partir de uma parceria entre o IFRJ campus Realengo e Duque de Caxias. Com a curva crescente do número de casos de COVID-19 durante o ano de 2020, os professores do IFRJ campus Duque de Caxias organizaram uma campanha para doação de máscaras para os moradores do bairro de Sarapuí, área adjacente ao campus. A partir dessa ação, viu-se a possibilidade de adaptar o projeto de extensão desenvolvido no campus Realengo “Abuso infanto-juvenil: multiplicar para combater” transformando-o em um projeto intercampi “Multiplicar para combater: a formação de multiplicadores para a mitigação da COVID-19”. Ao invés de trabalhar com os adolescentes, o projeto passou a contar com pessoas moradoras da área e, em sua maioria, alunas ou egressas do IFRJ. Todas as ações se deram por meio virtual com 12 multiplicadores formados e com aproximadamente 5 mil máscaras distribuídas. Durante a ação dos multiplicadores, foram identificados refugiados de diversos países africanos em situação de extrema pobreza que suscitaram a busca de soluções locais como doação de alimentos e encaminhamento para a assistência social. Com o projeto, além do desenvolvimento de ações para prevenir a COVID-19, foi possível instrumentalizar pessoas para construção local de soluções compartilhadas. Ademais, o projeto possibilitou um processo de aprendizado intersetorial, interprofissional e colaborativo que foi corroborado pelos estudantes extensionistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** COVID-19; Educação por pares; Educação Permanente em Saúde; Prevenção.

### **ABSTRACT**

*This work aims to describe the experience of forming multipliers for the development of actions for the mitigation of COVID-19 resulting from a partnership between the Federal Institute of Education, Science and Technology campus Realengo and Duque de Caxias. Given the growing*

*number of the cases of COVID-19, the teachers from Duque de Caxias had organized a campaign to donate masks to the residents of the adjacent área around the campus, the Sarapuí district. Starting from this action, we saw the possibility of adapting the project Child Abuse: Multiply to Combat, merging that one into the Multiply to fight project: the formation of multipliers in order to mitigate the covid-19. Instead of working with teenagers, this project has found support from the dwellers, most of whom were ex-students or former alumni from campus Caxias. All the actions took place virtually and they were built around 12 multipliers which got formed. Approximately 5 thousand masks were distributed. Besides preventing COVID-19, it was also possible to instrumentalize people for local development of shared solutions. During the project, the multipliers have identified African refugees from several countries in situations of extreme poverty, which raised the awareness of the need for local solutions like food donation and referral to social assistance. In addition, the project enabled a process of intersectoral, interprofessional and collaborative learning that was corroborated by extension students.*

**KEYWORDS:** COVID-19; Multipliers; Peers Education; Health Permanent Education; Prevention.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi assolado pela pandemia de coronavírus. A doença, até então desconhecida, causou pânico e muitas mortes. Fronteiras foram fechadas, países tiveram que fazer *lockdown*. No período de realização deste estudo, o Brasil estava ocupando o segundo lugar entre os países com o maior número de óbitos no mundo, e o estado do Rio de Janeiro apresenta uma taxa de letalidade (7,8%) bem maior que a média mundial (3,3%) (FIOCRUZ, 2020). Esta taxa é puxada para cima por alguns municípios com valores muito acima da média mundial, dentre eles temos o município de Duque de Caxias, cuja taxa de letalidade é de 9,1%. Até a metade do mês de junho do ano de 2020, mais de dez mil pessoas morreram por complicações da Covid-19 (BRASIL, 2020). Dentro desse contexto de alta letalidade, alguns grupos se tornam mais vulneráveis que outros, como a população de baixa renda. De acordo com Pires, Carvalho e Xavier (2020):

"são várias as dimensões que tornam as populações de baixa renda mais expostas à contaminação pelo novo coronavírus, tais como o uso de transporte público, o número maior de moradores por domicílio, o acesso a saneamento básico, o acesso a saúde e a dificuldade de manter o isolamento social sem perda excessiva de renda ou do emprego". p.02

Diante de tal fato, surgem alguns questionamentos: Como o IFRJ pode contribuir para mitigar a infecção por coronavírus junto à população de baixa renda? Como os projetos de extensão acadêmica podem atender ao grupo populacional exposto a uma situação de maior vulnerabilidade diante da pandemia?

Um dos caminhos encontrados surgiu a partir da possibilidade de integrar um projeto de extensão do *campus* Realengo, que teve seu funcionamento prejudicado por conta da pandemia, com ênfase em todas as ações que vinham sendo desenvolvidas de forma voluntária por servidores, estudantes e egressos do *campus* do IFRJ Duque de Caxias. Sendo assim, este texto tem como objetivo relatar a experiência de desenvolvimento de uma ação intercampi, interdisciplinar e interprofissional voltada para mitigação da Covid-19.

Para que as ações pudessem ser desenvolvidas, houve uma rápida readaptação do projeto de extensão para o modelo remoto, visando alcançar, principalmente, as pessoas mais vulneráveis do bairro Vila Sarapuí, área circunscrita ao *campus* Duque de Caxias e que além

de carecer de infraestrutura básica, conta com vários indivíduos em situação de pobreza extrema, além de refugiados vindos de diversos países da África e pessoas que perderam sua fonte de renda por conta da pandemia.

Toda a articulação realizada teve o intuito de formar multiplicadores que pudessem desenvolver ações educativas e distribuir máscaras caseiras no bairro Vila Sarapuú, visando a mitigação da Covid-19 no território. Isto porque o uso de máscara, que é uma das principais medidas de prevenção da infecção por coronavírus, tinha pouca adesão no bairro.

Segundo relatório da Organização Pan-Americana de Saúde (2020), o uso de máscaras é considerado uma medida de prevenção ao coronavírus em situações em que a manutenção do distanciamento social é complexa ou até inviável (como no transporte público e supermercados). O mesmo relatório também cita estudos envolvendo diferentes tipos de máscaras. Foi avaliada a eficácia de máscaras cirúrgicas em comparação às do tipo "N95", cujo resultado apontou não haver grande diferença, exceto em situações onde há a produção de aerossóis. Já a avaliação das máscaras caseiras mostrou que ela realmente tinha efeitos de contenção de doenças respiratórias, sendo eficaz para evitar a disseminação e o contágio. Sendo assim, utilizar máscaras passou a ser obrigatório para toda a população. Um exemplo disso é o caso do estado do Rio de Janeiro, que promulgou a Lei nº 8859, de 03 de junho de 2020, que torna obrigatória o uso de máscaras. De acordo com a legislação, ficou decidido que:

"Torna obrigatório, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, enquanto vigorar o Estado de Calamidade Pública em virtude da pandemia do novo Coronavírus, o uso de máscara de proteção respiratória, seja ela descartável ou reutilizável, em qualquer ambiente público, assim como em ambientes privados de acesso coletivo" (RIO DE JANEIRO, 2020).

Sendo assim, na busca de evitar a disseminação e o contágio do coronavírus, começou-se a agir de maneira a possibilitar o desenvolvimento de ações de educação em saúde e distribuição de máscaras caseiras. Essa ação baseia-se na possibilidade de construir de forma compartilhada soluções locais com o objetivo de favorecer a participação cidadã nos processos sociais. A metodologia de construção compartilhada de soluções locais ancora-se em bases teóricas e práticas que fazem parte de um ciclo no qual há a elaboração de projetos de cunho social e acompanhamento para o aperfeiçoamento e desenvolvimento das ações. Esta metodologia considera que cada pessoa ou grupo são autores de sua própria ação e que passam a atuar como multiplicadores, garantindo a sustentabilidade das iniciativas.

Como resultado de projetos que seguem essa metodologia espera-se o fortalecimento individual e coletivo, a formação de redes e melhorias nas condições de saúde (EDMUNDO, 2014). Neste caso, especificamente na mitigação da infecção por coronavírus.

Sob tal concepção, organizamos um modo de trabalho que buscava desenvolver o protagonismo local e o empoderamento, além de formar multiplicadores no território. Todas as atividades foram pautadas na concepção de educação por pares, visto que esse tipo de proposta se mostra potente para o desenvolvimento de ações que exijam mudanças no comportamento, nas crenças e nas atitudes, sendo desenvolvidas a partir de inter-relações horizontais e não hierárquicas, sendo a credibilidade a atribuição mais frequentemente destacada e associada à eficácia das intervenções (CARVALHO; PINHEIRO, 2018). Sobre o uso da educação por pares em processos de educação em saúde, Carvalho e Pinheiro (2018) dizem:

"como uma estratégia de educação e formação, que valoriza a intencionalidade e a participação educativa de todas as pessoas envolvidas, com potencial de influência positiva na construção de conhecimentos, na

clarificação de atitudes, na mudança de comportamentos e no desenvolvimento de competências específicas (como, por exemplo, comportamentos de proteção, prevenção e promotores de saúde) e transversais (como as competências pessoais e sociais)". (CARVALHO; PINHEIRO, 2018)

Além da efetividade na mudança de atitudes, a educação por pares garante que os indivíduos estabeleçam uma relação mútua de cuidado, tornando possível que todos os envolvidos façam parte do processo de educação, formação, transformação e emancipação, construindo juntos possibilidades cognitivas, afetivas e comportamentais de enfrentamento dos problemas (CARVALHO; PINHEIRO, 2018).

Outro aspecto importante está ligado ao fato do projeto ser uma atividade de extensão acadêmica. As atividades extensionistas constituem-se em um entrelaçamento ensino-serviço-comunidade com papel fundamental na formação de discentes do campo da saúde, promovendo forte relação entre educação e trabalho a partir de uma construção na e para a realidade (ALMEIDA, et.al, 2019). Os projetos de extensão têm um grande potencial para o desenvolvimento de um processo formativo interprofissional e intersetorial, corroborando com Almeida e outros (2019) quando os autores dizem que:

"o enlaçamento ensino-serviço-comunidade, que se deu através dos alinhamentos macro e micropolíticos, que, somados, trouxeram simbióticas relações, pautadas no rompimento de protagonismos; o multiprofissionalismo, que ofertou aos graduandos a oportunidade de aprender a prover ações educativo-preventivas sob a pluralidade de diversos olhares profissionais; a estruturação das equipes extensionistas em frentes de trabalho" (ALMEIDA et.al, 2019)

Ainda falando de projeto de extensão, cabe mencionar que o projeto "Multiplicar para Combater: a formação de multiplicadores para a mitigação da Covid-19" é fruto de um ajuste no projeto "Abuso infanto-juvenil: multiplicar para combater" que foi contemplado com fomento do programa de extensão acadêmica. Ele visava a promoção de ações de conscientização e combate a situações de abuso infanto-juvenil por meio da formação de crianças e adolescentes multiplicadores sobre a temática. Por intermédio dele, seriam desenvolvidas ações intersetoriais junto aos serviços de atenção primária à saúde e escolas, formando adolescentes que atuariam como multiplicadores junto a seus pares. Mas por conta de problemas administrativos na rede de saúde da cidade do Rio de Janeiro, do período de férias escolares e, posteriormente, da pandemia, as ações foram prejudicadas. Assim, diante da possibilidade de desenvolver ações contra a Covid-19, adaptamos o projeto com reformulação do público alvo, ou seja, ao invés de focar nos adolescentes como objeto de estudo e produto, agora os moradores do bairro Vila Sarapuí é que seriam formados como multiplicadores.

Apesar da mudança dos atores sociais alvo do projeto, a metodologia de construção local de soluções compartilhadas operacionalizada através da educação por pares foi mantida. No entanto, foi necessário adaptá-las para desenvolvê-las de maneira remota.

Diante do alto índice de mortes por conta da Covid-19, especialmente entre a população de baixa renda, da importância do uso de máscara para prevenção da infecção por coronavírus, das precárias condições socioeconômicas do bairro do Vila Sarapuí e da possibilidade da ação extensionista agir como uma contribuição para a formação de estudantes da área de saúde, justifica-se a realização de um projeto visando mitigar a infecção por coronavírus por meio de educação em saúde e distribuição de máscaras para a população de baixa renda local. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência de um projeto de extensão intercâmpio, interprofissional e interdisciplinar com estas finalidades.

## PROCESSO METODOLÓGICO

Trata-se do relato de experiência de uma atividade extensionista do Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Realengo, envolvendo estudantes do curso de graduação em Farmácia e Terapia Ocupacional, em parceria com alunos, egressos e servidores do IFRJ, *campus* Duque de Caxias e a população adstrita ao *campus*, realizado no período de 14 de abril de 2020 a 10 de julho de 2020.

O cenário da intervenção foi a cidade de Duque de Caxias, especificamente no bairro Vila Sarapuí. A cidade de Duque de Caxias localiza-se na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro em uma área conhecida como Baixada Fluminense. Apesar de Duque de Caxias ter o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* do estado do Rio de Janeiro, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) não acompanha o tamanho do PIB. A população caxiense se aproxima de 900 mil habitantes, dos quais somente 18% encontram-se ocupados e 38% ganham até meio salário-mínimo *per capita* (IBGE, 2020). A taxa de mortalidade no município passa de 15%, se aproximando dos piores índices do estado. Na cidade de Duque de Caxias há muitos bairros com carência de infraestrutura e população de baixa renda. Esse é o caso do bairro Vila Sarapuí, local em que se situa o *campus* IFRJ Duque de Caxias e onde a ação para formação de multiplicadores para mitigação da Covid-19 aconteceu. A escolha do local se deu por conta da vulnerabilidade do território e pela proximidade geográfica e afetiva que os profissionais, alunos e egressos do *campus* Duque de Caxias têm com a região.

A proposta central era formar multiplicadores, com a intenção de que eles se reconhecessem enquanto indivíduos capazes de se apropriarem criticamente do conhecimento discutido e repassá-lo e, por conseguinte, disseminar informações corretas e seguras em contraponto às tão danosas "fake news" - além de distribuírem máscaras para a comunidade. Por ser baseado na construção compartilhada de soluções locais, o projeto contou com um planejamento participativo com compartilhamento de ideias e estratégias consolidadas a partir da experiência (EDMUNDO, 2014).

É importante mencionar que na trajetória metodológica do projeto, além das ações educativas e distribuição das máscaras, as atividades promoveram a geração de renda para moradoras da área. Isto se deu porque para atender a demanda de máscaras era necessário um grupo de pessoas capaz de confeccioná-las. A partir daí, fomos informadas por uma das multiplicadoras que no bairro havia costureiras sem fonte de renda por conta da pandemia. Com o fomento de dois projetos de extensão, um do *campus* Realengo e outro do *campus* Duque de Caxias, além de doações feitas por várias pessoas, as costureiras da Vila Sarapuí passaram a ser remuneradas para confeccionar as máscaras a serem distribuídas no projeto.

A fim de garantir a realização do proposto, ou seja, formar multiplicadores de ações educativas e distribuição de máscaras, contou-se com o uso de aplicativo de mensagem instantânea para a criação de um grupo que permitisse a comunicação entre multiplicadores e extensionistas. Coube aos extensionistas realizar a leitura de artigos e outros materiais educativos para que pudessem adaptar a linguagem técnica, transformando-a em algo simples que pudesse ser compreendido por qualquer pessoa e disseminado com facilidade por meio de redes sociais e aplicativos de mensagem. Além disso, coube a eles também estimular que os multiplicadores trouxessem notícias referentes à pandemia. A partir do grupo virtual, os temas ligados à Covid-19 eram discutidos de forma síncrona ou assíncrona, de acordo com a disponibilidade geral.

Nestas mesmas reuniões, eram trabalhadas estratégias para a construção de soluções compartilhadas, sendo propostas atividades para reconhecimento e apropriação do território, busca de possíveis parceiros e levantamento de demandas até então negligenciadas. Caso um multiplicador apresentasse dificuldade, ele era ouvido pelo grupo, que coletivamente pensava

em estratégias para a solução dos obstáculos. Neste sentido, foi proposta a construção de um mapa falante. Ou seja, solicitou-se que os multiplicadores confeccionassem um mapa descritivo do bairro, de acordo com suas vivências subjetivas.

Tal metodologia foi adotada individualmente (cada multiplicador fez seu próprio mapa falante) e serviu de base para a tomada de decisões para intervenção no território, bem como para auxiliar os extensionistas na melhor compreensão do espaço de trabalho.

Para ter controle sobre o número de máscaras distribuídas, além de poder auxiliar aqueles que apresentavam alguma dificuldade, foi criada pelos extensionistas uma tabela de controle que era compartilhada virtualmente com os multiplicadores para que eles preenchessem, registrando ali a quantidade de máscaras pegadas em cada lote.

Com o intuito de dar maior visibilidade às ações e disseminar informações corretas sobre a Covid-19, foram criados perfis nas redes sociais nos quais eram postadas fotos que os multiplicadores julgavam relevantes, além de materiais educativos. Estes perfis foram compartilhados pelos multiplicadores e extensionistas na tentativa de espalhar notícias confiáveis em contraponto às *fake news*.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das ações desenvolvidas pudemos perceber que, em um primeiro momento, frente às situações de emergência, tais como a pandemia causada pelo novo coronavírus Sars-cov-2, a população tende a se mobilizar e procurar formas de prevenção dentro da sua realidade socioeconômica. No nosso caso, tal comportamento refletiu-se pela excitação inicial tanto de dos extensionistas quanto dos multiplicadores, que, juntamente com o projeto de distribuição de máscaras do IFRJ *campus* Duque de Caxias, levaram à criação de estratégias voltadas para o amparo e disseminação de informações seguras sobre prevenção da COVID-19 e quanto ao uso correto de máscaras para a população da Vila Sarapuí, por meio da criação de uma rede de multiplicadores.

Rapidamente, foi formado um grupo com 12 voluntários, composto por alunos e egressos do *campus* Duque de Caxias, além de moradores de áreas próximas ao *campus*, e logo montou-se uma rede de distribuição e promoção de conhecimentos confiáveis para a prevenção da Covid-19 na comunidade. Seguindo o que é apresentado por Edmundo (2014), cada um desses voluntários foi visto como autor das suas próprias ações e que passaria a atuar como multiplicador, tentando garantir a sustentabilidade da iniciativa.

Para apresentar a estatística de máscaras distribuídas pelos multiplicadores, optou-se por tratar cada um pela letra M seguida de um número que foi atribuído a partir da ordem alfabética dos seus nomes. Durante todo o projeto, foram distribuídas cerca de 5.000 máscaras, porém, tendo em vista que alguns multiplicadores deixaram de atualizar a tabela de controle a cada nova entrega, infelizmente não há um número preciso da quantidade final entregue por cada multiplicador. Cabe mencionar que os extensionistas sempre pontuaram a importância do preenchimento da ficha de controle, mas alguns multiplicadores alegaram dificuldade para acessar à internet e que o dia a dia era muito corrido, por isso, não lembravam de preencher o quadro de controle de máscaras distribuídas. A seguir temos o quadro com o total de máscaras que foi possível contabilizar (Quadro 1).

**Quadro 1:** Controle de multiplicadores e distribuições realizadas.

Nome	Bairro	Vínculo com IFRJ	Máscaras Distribuídas
M1	Vila Leopoldina	Sim	23
M2	São Bento	Sim	não informado
M3	Vila Sarapuí	Sim	230
M4	Vila Sarapuí	Sim	250
M5	Vila Leopoldina	Sim	64
M6	Vila Leopoldina	Sim	59
M7	Vila Sarapuí	Sim	65
M8	Vila Sarapuí	Sim	11
M9	Jd. Olavo Bilac	Sim	225
M10	Vila Sarapuí	Sim	200
M11	São Bento	Sim	150
M12	Vila Leopoldina	Sim	10

Fonte: Elaborada pelos autores.

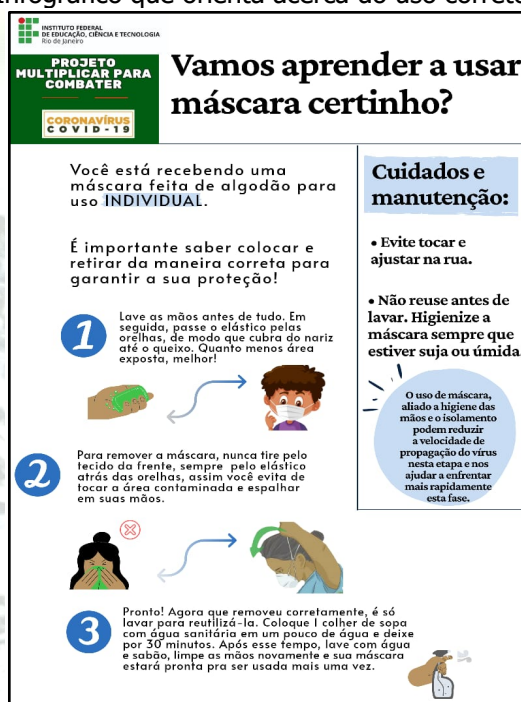
Para além da entrega das máscaras, o foco da intervenção dos extensionistas do IFRJ Realengo era também informar e fazer com que essa população pudesse se apropriar das informações e distribuí-las, de modo que a rede de multiplicadores se tornasse uma cascata, estabelecendo várias conexões que resultariam em intervenções mais efetivas, duradouras e de maior impacto na comunidade. Para tanto, foi criado pelos extensionistas um infográfico com o intuito de promover informações confiáveis aos multiplicadores (Figura 1). Este informativo era entregue em anexo a todas as máscaras distribuídas. Além disso, ele foi disponibilizado em alguns pontos estratégicos da comunidade.

Nas primeiras semanas de implantação do projeto, o grupo de multiplicadores voluntários relatou que a receptividade das pessoas beneficiadas com as entregas foi, em grande parte, positiva quanto à adesão das informações de prevenção que foram passadas. Ao longo das semanas, os multiplicadores relataram o aumento da recusa e indiferença da população em relação à escuta e anuência do projeto. Esta postura negacionista pode ter diversas causas: uma delas é apontada por Morel (2021, p.5), que afirma que “parte considerável da população está envolvida em algum nível de negacionismo, depositando esperanças em um suposto remédio milagroso, negando o perigo da doença”.

No dia 15 de junho de 2020, foi acordada a realização de uma reunião para que as voluntárias pudessem relatar sobre a distribuição das máscaras que receberam, bem como atualizar o quadro de controle de multiplicadores e distribuições realizadas (Quadro 1) e opinar sobre a aplicação do mapa falante - metodologia implementada com o intuito de ampliar a distribuição no bairro e atingir os que não haviam sido alcançados. Porém, não foi possível fazer a reunião de forma síncrona, pois alguns multiplicadores estavam sem memória no

aparelho celular e com dificuldade de conexão à internet. Apesar de ainda conseguirem acessar a internet, não se pode afirmar que eles não sofrem com exclusão digital, pois segundo Knop (2017), a exclusão digital vai além de uma visão binária de acessar ou não acessar a rede. Para a autora, "mesmo tendo acesso à rede, há uma diferença significativa no que tange ao uso da internet e a habilidade informacional, por influências de classe, educação parental, gênero, raça, etnia e localização geográfica" (KNOP, 2017, p.44).

**Figura 1:** Infográfico que orienta acerca do uso correto das máscaras.



Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Diante deste fato, para que a discussão não fosse perdida, os extensionistas optaram por enviar mensagens privadas aos voluntários. Obtivemos, destarte, as seguintes respostas (Quadro 2):

**Quadro 2:** Relação das respostas privadas aos multiplicadores no dia 15/06/2020.

Nome	Resposta
M1	Se desligou do projeto.
M2	Relatou que o mapa falante ajudou na distribuição de máscaras, embora ela estivesse com um estoque baixo. Relatou dificuldade em participar das reuniões por conta do seu trabalho e por não ter espaço no celular. Disse também que a distribuição e conscientização estava sendo mais eficiente entre os mais velhos do que com os mais jovens, e ficou de procurar parcerias para o projeto.
M3	Se desligou do projeto.
M4	Respondeu no dia 25/06/2020, relatando que a movimentação e aglomeração perto de sua residência caiu e que não distribuiu máscaras. Disse que o mapa falante deu resultado e que o mercadinho da esquina demonstrou interesse no projeto.



M5	Relatou no dia seguinte à reunião que não estava distribuindo máscaras diretamente, mas sim que “[...] agora eu distribuo para os alunos do IFRJ que fazem essa distribuição direta”. Ela também relatou que não olhava o grupo há algum tempo, mas que os alunos que a auxiliavam eram muito ativos.
M6	Disse que achou o projeto bom, que a partir do mapa falante ela costumava fazer as entregas em projetos de ações sociais do meio social que frequenta. Durante a entrega, reparou que o problema das pessoas não usarem a máscara ou fazê-la de forma incorreta era persistente, apesar das orientações.
M7	No momento não havia distribuído máscaras por falta de material em mãos, por essa mesma razão não fez o mapa falante, uma vez que não havia o que ser feito dada a situação.
M8	Não tomou ciência da reunião e do mapa falante, aparentemente a mesma também estava ausente.
M9	Disse que a ideia do mapa falante ajuda bastante na dinâmica de entregas e que apesar de estar entregando bem, uma boa parte das pessoas não estava aderindo nem ao distanciamento, nem ao uso da máscara.
M10	Disse que não conseguiu fazer novas distribuições no bairro e que não pegou a nova leva de máscara na semana, pois ainda tinha mais cinco da leva anterior. Relatou também que as pessoas, em grande parte, não queriam mais usar e que os comércios e bares estavam todos abertos.
M11	Não aderiu ao mapa falante, visto que a mesma seguiu as ações nos mesmos locais de costume: no posto de saúde do Vila Vila Sarapuí e no Centro de reabilitação. Contou também com a ajuda do colaborador do desenvolvimento do projeto que auxiliou na entrega e orientação aos moradores locais.
M12	Não respondeu.

Fonte: elaborada pelos próprios autores

Além dos resultados esperados referentes à formação de multiplicadores, à construção de uma rede de divulgação de informações confiáveis e de distribuição de máscaras, o projeto identificou demandas até então negligenciadas no território. Durante a distribuição de máscaras, alguns multiplicadores identificaram que no bairro moram diversas famílias de refugiados vindos de diversos países do continente africano que estavam vivendo em situação de extrema pobreza. Muitas dessas pessoas foram obrigadas a se deslocar de seus países de origem por diversos motivos, como: violação dos direitos humanos, guerras, perseguição racial, religiosa ou política (LIMA et al, 2017). Diante de tal fato, os multiplicadores construíram localmente, de forma compartilhada, soluções a fim de garantir que as necessidades básicas para a sobrevivência fossem atendidas. As famílias foram cadastradas em um projeto de distribuição de alimentos por voluntários, foram feitas campanhas para doação de alimentos e roupas e uma rede de contatos foi acionada para tentar legalizar a situação dessas famílias para que elas pudessem ter acesso a programas governamentais de transferência de renda, além de encaminhamento para o mercado de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o objetivo principal do projeto era a formação de uma rede sistêmica de multiplicadores, com o intuito de disseminar informações confiáveis acerca da COVID-19 e

a distribuição de máscaras caseiras em áreas pobres, é possível afirmar que a atividade foi bem sucedida, visto que o projeto se baseava na construção compartilhada de soluções locais, considerando, dessa forma, a participação e a mobilização da comunidade (EDMUNDO, 2014). Os voluntários se mostraram participativos e comprometidos em intervir no território da Vila Sarapuí, na cidade de Duque de Caxias. Diante disso, podemos concluir que o projeto alcançou seu objetivo, mesmo que não tenha sido da forma como foi planejado. Isso mostra que expectativa e realidade nem sempre convergem, mas deixa claro que precisamos valorizar os aspectos positivos da intervenção e transformar o não êxito em chances de aprendizado. Lidar com seres humanos não pode ser considerado uma prática exata com desfecho determinado previamente. Durante a execução do projeto não foi possível fazer a rede que desejávamos, mas logramos êxito com a formação dos multiplicadores que conseguimos. Diversos foram os fatores que atravessaram o projeto, como falta de conectividade, equipamentos precários, dificuldade em dedicar-se completamente à atividade, já que muitos voluntários também eram pobres e precisavam se desdobrar para conseguirem se manter em época de pandemia.

Dado os relatos dos multiplicadores, foi possível observar que, logo no início do projeto, nos primeiros meses da pandemia, havia um grande interesse por parte dos multiplicadores em participar e compartilhar informações com o intuito de criar essa rede sistêmica de multiplicação de ações que era prevista. Porém, ao longo dos meses de atuação do projeto, as atividades de educação em saúde e a distribuição de máscaras passaram a ter uma aderência cada vez menor na comunidade do território da Vila Sarapuí. Percebeu-se que tal fato gerou frustração e enfraquecimento da rede de multiplicadores.

Outro ponto que pudemos observar foi o fato de que muitos dos multiplicadores tinham maior foco na distribuição das máscaras. Com isso, alguns deles negligenciaram as ações de educação em saúde em prol da pura e simples distribuição de máscaras. Além disso, mesmo sem grandes problemas de conectividade, alguns multiplicadores não aderiram às reuniões virtuais. Tal fato nos leva a pensar que com essa divergência de propósito - educação em saúde e distribuição de máscara, e somente a distribuição de máscara - o projeto não tenha despertado interesse.

Agora, pensando-se no projeto como uma prática extensionista - o que, segundo Almeida e outros (2019), baseia-se na triangulação problematizadora para educação em saúde que é composta por um processo de teorização "o pensar", de prática "o fazer" e de crítica "o refletir" que contribui para a formação interprofissional, interdisciplinar e multicampi - pode-se afirmar que os extensionistas do *campus* Realengo do IFRJ amadureceram academicamente. Os três extensionistas cursam os períodos iniciais do curso de Farmácia e Terapia Ocupacional e, com o desenvolvimento do projeto, tiveram a chance de precocemente desenvolverem um processo de trabalho colaborativo e interprofissional na e para a realidade. E, assim como os multiplicadores, durante o desenvolvimento do projeto, o ânimo inicial foi reduzido por conta do desgaste emocional gerado pelo aumento do número de casos de infecção e morte pelo coronavírus, pela postura governamental e a conduta da população.

É importante salientar que a pandemia se trata de um momento extremamente anfigúrico, e que cada indivíduo é afetado de forma singular, e que como afirma Pires, Carvalho e Xavier (2020) os mais pobres devem ser priorizados. Segundo as autoras:

"para evitar o colapso do sistema de saúde e a progressão acelerada do número de óbitos, as medidas adotadas devem ser destinadas a proteger os mais pobres, seja por meio de políticas de preservação da renda que permitam o isolamento social, seja pela ampliação do número de leitos disponíveis no SUS" (PIRES; CARVALHO; XAVIER, 2020)

Ou seja, devem ser priorizadas ações que contribuam para a mitigação da infecção por Covid-19 entre os mais pobres, assim como as que foram desenvolvidas no projeto Multiplicar para combater: a formação de multiplicadores para a mitigação da infecção por Covid-19.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luiz Eduardo de et.al. Análise das experimentações político-pedagógicas vivenciadas em um projeto de extensão. **Interagir: pensando a extensão**. Rio de Janeiro, n. 27, p. 01-10, jan/jun. 2019
- CARVALHO, Cristiana Pereira; PINHEIRO, Maria do Rosário Moura. **De igual para igual: a Educação pelos Pares como estratégia educativa, transformadora e emancipatória**. Cadernos UniFOA, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra - Portugal, Dez/2018. p. 83 - 90. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2638>> Acesso em: 11 jul. 2020.
- Coronavírus Brasil**, 2020. Painel Coronavírus. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em: 11 jul. 2020.
- EDMUNDO, Kátia Maria Braga. **Construção compartilhada de soluções locais: guia de elaboração e gestão de projetos sociais**. Rio de Janeiro: Cedaps, 2014.
- FIOCRUZ. **Letalidade por Covid-19 no Rio está acima da média mundial**. Disponível em: <[https://portal.fiocruz.br/noticia/letalidade-por-covid-19-no-rio-esta-acima-da-media-mundial#:~:text=No%20Estado%20do%20Rio%20de,\(10%2C5%25\)%2C%20Belford](https://portal.fiocruz.br/noticia/letalidade-por-covid-19-no-rio-esta-acima-da-media-mundial#:~:text=No%20Estado%20do%20Rio%20de,(10%2C5%25)%2C%20Belford)>. Acesso em: 20 de out. de 2020.
- IBGE, **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2019**. Disponível em : <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/duque-de-caxias.html>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.
- KNOP, Marcelo Ferreira Trezza. Exclusão digital, diferenças no acesso e uso de tecnologias de informação e comunicação: questões conceituais, metodológicos e empíricas. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 5, n. 2, pp. 39-58, 2017
- LIMA, João Brígido Bezerra et al. **Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014)** – Brasília: Ipea, 2017.
- MOREL, Ana Paula Massard. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00315147. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00315
- OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. Orientação sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19. Brasil, 2020. Disponível em: <[https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBRACOVID-1920071\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBRACOVID-1920071_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 jul. 2020.
- PIRES, Luiza Nassif; CARVALHO, Laura; XAVIER, Laura de Lima. **COVID-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil**. Disponível em : <[https://www.researchgate.net/publication/340452851\\_COVID-19\\_e\\_Desigualdade\\_no\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/340452851_COVID-19_e_Desigualdade_no_Brasil)>. Acesso em: 20 de out. de 2020.
- RIO DE JANEIRO. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Art. 1º, lei 8859 de 03 jun. de 2020. Estabelece a obrigatoriedade do uso de máscaras respiratórias, no âmbito do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.aeerj.net.br/file/04-06-2020-leiestadomascara.pdf>>. Acesso em: 03 de jan. de 2020.